

Editorial: v. 10, n. 19, 2025 (jan.-jun., 2025)



O mundo contraditório e por vezes caótico das crenças do nosso tempo e a variedade de testemunhos visuais encontram-se no dossiê que nos é apresentado nesta edição 19 da **Revista M.**, voltado para o tema *Imaginários da morte nos meios de comunicação*, organizado por **Isuki Sarahi Castelli Olvera**, professora pesquisadora da Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, no México. O dossiê é composto por quatro artigos em espanhol e mais um em português.

O dossiê é aberto com o artigo *La fachada de la clase media: registro fotográfico del funeral de la abuela*, escrito por **Verónica Vázquez Valdés**, professora pesquisadora da Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Trata-se de um estudo sobre a fachada social apresentada pelos filhos de uma falecida durante o velório em uma conhecida funerária da Cidade do México, cuja análise é baseada em fotografias depoimento e na observação participante. A investigação

* Doutor em Estudos Mesoamericanos pela Universidad Nacional Autónoma de México. Professor investigador da Área Acadêmica de História e Antropologia da Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo (UAEH). Membro do Sistema Nacional de Investigadores e Investigadoras de México. Presidente do Conselho Editorial da UAEH. CV: Manuel Alberto Morales Damián (uaeh.edu.mx)



sobre as fotografias é realizada com base numa proposta metodológica da própria autora, o modelo quadridimensional, que implica utilizar três dimensões de semiose (sintaxe, semântica e pragmática), às quais acrescenta a dimensão da autoria (Vázquez Valdés, 2020). A análise fotográfica é complementada pela perspectiva derivada da linguagem do teatro para compreender a vida social, proposta por Erving Goffman (1959, p. 11). Desta forma, é possível que Vázquez Valdés reconheça na fachada dos filhos da falecida aspectos da forma como a classe média no México contemporâneo enfrenta os rituais fúnebres.

Por sua vez, **Azul Kikey Castelli Olvera**, professora pesquisadora da Universidade Autônoma do Estado de Hidalgo, e **Óscar Raúl Pérez Cabrera**, repórter do Diario Plaza Juárez, abordam o culto de Santa Muerte, no artigo *Imaginarios divinos. Fe y posmodernidad en la catedral de la Santa Muerte, Pachuca, Hidalgo*, revisando as práticas que se expressam na Catedral de Santa Muerte, em Pachuca, Hidalgo, México. É evidente que o culto à Santa Muerte vem se fortalecendo há várias décadas em vários países da América Latina e o caso de Pachuca não foge à regra. Entre museu, templo e mercado, a Catedral de Santa Muerte é considerada como um caso paradigmático para compreender as relações que estas crenças têm com atitudes espirituais da New Age em que crenças de diversas tradições religiosas são integradas no seu próprio terreno fértil do individualismo e do consumismo do capitalismo contemporâneo.

O ponto de partida do artigo intitulado *Entre la venganza de ultratumba y el charro negro: homoerotismo y muerte en Calaveras de Azúcar*, escrito por **Sarahi Isuki Castelli Olvera**, professora pesquisadora da Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, é a análise semiótica do quadrinho Calaveras de Azúcar. Os quadrinhos, sem dúvida, são testemunhos fundamentais para a compreensão da cultura e da sociedade do nosso tempo. Seguindo a lógica dedutiva do historiador, que se atenta aos detalhes e reconstrói os acontecimentos humanos com base em evidências (Ginzburg, 2008, p. 212), Isuki Castelli sugere que Romero, criadora da história em quadrinhos, satiriza o estereótipo machista numa atitude transgressora no estilo mexicano. O contexto da trama do Dia dos Mortos, nos mostra um mariachi homossexual que é dado como oferta, como um doce de açúcar em forma de caveira, para consumo por outro mariachi morto que, assim como o Charro Negro – personagem fantasmagórico e lendário –, o protege da homofobia. O artigo analisa como a autora da história em quadrinhos retoma as tradições mexicanas sobre a morte que comumente dão lições de vida.

O quarto artigo do dossiê, *Una actitud hacia la muerte en tiempos de pandemia por Covid-19. Cartas a distancia* (Juan Carlos Rulfo, 2021), faz uma esplêndida análise do documentário “Cartas a Distancia”, realizado por Juan Carlos Rulfo, em 2021, e que testemunha as experiências dos pacientes da COVID-19 e de seus familiares. A autora é **Mónica del Sagrario Medina Cuevas**, professora e pesquisadora da Benemérita Universidad Autónoma de Puebla. Cartas à distância é analisado a partir da perspectiva metodológica da retórica e da representação no cinema de não-ficção, na qual se afirma que “os documentários representam a realidade por meio de escolhas criativas de estrutura, estilo e o que chamo de ‘voz’” (Plantinga, 2014:14). Neste caso, diz-nos Medina Cuevas, a chave da trama documental é encarnada por uma personagem, “Calavera”, apelido de um enfermeiro que carrega no peito a frase “sem

medo da morte”. A voz do documentário é aberta, desenvolvendo os significados múltiplos e contraditórios da referida frase.

O dossiê se encerra com o artigo intitulado *Transcomunicação instrumental como experiência religiosa para ajudar no luto*, de **Márcen Cardoso Miranda Hott**, pesquisadora colaboradora do Centro de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. Segundo a autora, a perda de entes queridos pode, em certos casos, gerar um problema de saúde mental, o Transtorno de Luto Complexo Persistente ou Luto Complicado, e neste caso as respostas religiosas tradicionais, como as cristãs, podem não ser úteis para superar a desolação. Neste contexto, os enlutados podem recorrer a doutrinas espíritas que acreditam na possibilidade de contato entre a dimensão dos vivos e a dimensão dos mortos, especificamente por meio de dispositivos elétricos e eletrônicos, que consiste na “transcomunicação instrumental”. A hipótese trazida pelo artigo é a de que esta crença, expressão contemporânea e praticamente New Age, baseia-se na preocupação humana em explicar o que acontece após a morte e acaba por oferecer a quem sofre de Luto Complicado uma experiência religiosa que pode lhe permitir a recuperação da saúde mental.

Ao concluir a leitura do dossiê podemos observar que a contemporaneidade nos oferece novas formas de abordar o fenômeno da morte. A sociedade reinterpreta as crenças tradicionais considerando as experiências produzidas por uma nova tecnologia ou geradas pela globalização, o que origina a troca de ideias de diferentes tradições religiosas, como a transcomunicação instrumental ou o culto de Santa Muerte. Da mesma forma, o dossiê atesta que os pesquisadores do fenômeno da morte dispõem de uma grande variedade de testemunhos para investigação pouco abordados: a exemplo da fotografia, do cinema e dos quadrinhos.

Este número conta ainda com três **Artigos Livres**, além de um **Ensaio** e uma **Resenha**.

O primeiro **artigo livre** é de **Bárbara Benevides**, doutoranda em História no Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. O texto intitulado *A arte de fazer morrer: a pena de morte no Brasil colonial* desenvolve uma análise historiográfica inspirada na Escola dos Annales e em diálogo com o pensamento de Foucault sobre a pena de morte no período colonial brasileiro, tema sobre o qual há poucas pesquisas publicadas. A partir da conjugação entre a bibliografia especializada sobre o tema e a legislação portuguesa da época, analisa os rituais associados à execução, destacando o seu carácter espectacular e identificando a situação dos condenados e o papel dos algozes no processo de aplicação da pena de morte. Conclui destacando que a pena de morte expressava poder, castigo, vingança e perdão naquela hierarquizada sociedade colonial com traços de Antigo Regime.

Maura Regina Petruski, professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, é autora de *A cidade cresce e o cemitério também, é hora de mudar: a dinâmica dos primeiros locais de enterramento na cidade de Ponta Grossa*, que aborda os sepultamentos em Ponta Grossa, no Paraná, entre o fim do século XVIII e princípios do século XX. Numa perspectiva urbana, estuda o processo de construção dos cemitérios de São João Batista, Sant’Anna e São José, considerando-os parte da estrutura urbana não só



pelo seu aspecto funcional, mas também simbólico. Trata-se de uma investigação histórica que faz uso do arquivo da Câmara Municipal, bem como a bibliografia sobre a história do município. O artigo procura demonstrar que o cemitério é um testemunho material do passado, um mosaico onde se protege a memória individual e colectiva. A exploração efectuada por Petruski leva-nos a considerar como a construção do cemitério se confunde com a vida política, económica e social.

Viviane Gomes da Silveira, Tais Fim Alberti e Samara Silva dos Santos, todas vinculadas à Universidade Federal de Santa Maria, são autoras de *A mediação dos diálogos sobre a morte e o luto no contexto escolar e educacional: percepção de professores*, que analisa a percepção de professores sobre a morte e o luto a partir de uma revisão da literatura sobre o tema. O artigo demonstra que os professores enfrentam o desafio de abordar estas questões, reconhecendo que o diálogo é necessário, mas sem terem a formação necessária para realizá-lo. Eles percebem que as escolas não se sentem preparadas e carecem do apoio necessário. Contrastando com posicionamentos que consideram que a escola deveria estar alheia a esse problema, o estudo levanta a necessidade de um arcabouço legal e de formação de professores para realizar uma mediação eficiente quando os alunos enfrentam perdas ligadas à finitude.

Com este número 19, a **Revista M.** inaugura uma nova seção para seu público leitor – **Ensaaios sobre a Finitude** – trazendo abordagens diferenciadas sobre a morte, os mortos e o morrer em caráter ensaístico, mais subjetivo, livre e opinativo, sem abrir mão do rigor científico e da fundamentação teórica. Nessa direção, o primeiro texto publicado é a tradução do ensaio escrito originalmente em russo, em 1993, por **Iuri Lotman**, da Universidade de Tártu, na Estônia, intitulado *A morte como problema de enredo*. Falecido no mesmo ano da produção deste ensaio, o autor foi semiótico, filólogo, historiador da literatura e da cultura russas e atuou como docente na mencionada universidade, tendo sido um dos fundadores da Escola Semiótica de Tártu-Moscou, na década de 1960. A tradução foi feita por **Márcia Chagas Kondratiuk**, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e **Ekaterina Vólkova Américo**, professora da Universidade Federal Fluminense, possibilitando a divulgação do instigante ensaio que problematiza a morte a partir da semiótica e estabelece um paradoxo entre a vida coletiva, vista como contínua, múltipla e perene, e a vida individual, considerada uma existência finita e descontínua. Doravante, Lotman analisa como a consciência mitológica produziu enredos cíclicos, a exemplo do mito do eterno retorno como expressão da vida do grupo social, enquanto a consciência histórica produz tramas lineares com início e fim, expressando a experiência individual, na qual o conceito de finalização passou a adquirir um caráter preponderante no processo de reflexão artística.

Este número encerra com a resenha *Não chore por mim Argentina*, elaborada por **María de Fátima Rocha da Fonseca**, mestre em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e professora da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. A resenha nos apresenta o livro “Una pérdida eterna. La muerte de Eva Perón y la creación de una comunidad emocional peronista”, de Sandra Gayol, publicado em 2023, e nos convida a ler esta significativa obra que aborda a morte de Evita a partir da história das emoções, da cultura de massa e da construção de uma religião política que se sustentou por meio de uma “comunidade emocional” –



comunidade essa que compartilhou sentimentos em torno da imagem de Evita como chefe espiritual do Estado e personificação da ideologia peronista.

Nesta edição, História, Antropologia, Psicologia e Semiótica voltam a se encontrar, para abordar nosso tema capital – a morte – sob diferentes ângulos, épocas e espaços geográficos.

Referências bibliográficas

Ginzburg, C. (2008). *Indicios. Raíces de un paradigma de inferencias indiciales. Mitos, emblemas, indicios. Morfología e historia*. Gedisa.

Goffman, E. (1959). *La presentación de la persona en la vida cotidiana*. Amorrortu editores.

Plantinga, C. R. (2014). *Retórica y representación en el cine de no ficción*. Universidad Nacional Autónoma de México.

Vázquez Valdés, V. (2020). Miradas fotográficas de los totonacos: una aplicación de la antropología visual. *Ichan Tecólotl*, 32(342). <https://ichan.ciesas.edu.mx/miradas-fotograficas-de-los-totonacos-una-aplicacion-de-la-antropologia-visual/>

